

A defesa do nacionalismo para o país na Revista Brasiliense: os intelectuais em ação. The defense of nationalism for the country in Revista Brasiliense: the intellectuals in action.



<http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v9i2.1959>

Glauber Eduardo Ribeiro Cruz

Docente do Estado de Minas Gerais

Mestre em História pela UFMG

glauberduardoribeirocruz@gmail.com.br



<https://orcid.org/0000-0002-5445-0010>

Recebido em: 30/09/2016 – Aceito em: 01/10/2017

Resumo: A sociedade brasileira na década de 1950 passou por um momento de transformações e efervescência social, política, econômica e cultural intenso. O debate na busca de definir projetos políticos para o futuro do país estava em torno dos seguintes temas: modernização, urbanização, explosão demográfica, aspirações de participação na política e na literatura. A possibilidade de debater idéias, expor pensamentos e participar direta ou indiretamente do governo explicitou atores políticos e sociais significativos para a constituição de espaços de sociabilidades, dinamizando e revelando os intelectuais e seus objetivos para a sociedade brasileira.

Palavras-chaves: Intelectuais, nacionalismo, Revista Brasiliense.

Abstract: The Brazilian society in the 1950s went through a moment of transformations and social effervescence, political, economic and cultural intense. The debate seeking to define political projects for the country's future was on the following topics: modernization, urbanization, demographic explosion, aspirations to participate in politics and literature. The opportunity to discuss ideas, thoughts and expose participate directly or indirectly from government explained significant political and social actors to form sociability spaces, simulating and revealing intellectuals and their goals for the Brazilian society.

Keywords: Intellectuals, nationalism, Brasiliense Magazine.

¹O autor alerta que para trabalhar com os intelectuais requer: "(...) a análise sistemática de elementos dispersos, com finalidades prosopográficas" SIRINELLI, Os intelectuais, p. 245.

²Capitão de origem judia e alsaciana, Alfred Dreyfus é injustamente acusado de fornecer documentos secretos ao exército alemão. Preso em 1894, ele é julgado de maneira sumária e condenado à degradação militar e a deportação. Longe de ter sido somente um erro judiciário, o "caso Dreyfus" correspondeu a uma das maiores crises políticas da III República francesa. (RODRIGUES, O intelectual no campo cultural francês, p. 399)

Os intelectuais na década de 50 e os projetos políticos para o país.

A história dos intelectuais aparece na historiografia, na segunda metade da década de 1970, como campo aberto no cruzamento das histórias política, social e cultural e mudando o status nas representações coletivas, dessacralizando-o. Para Sirinelli (1996) o intelectual é um mediador cultural, em sua visão ampla e engajado, em sua concepção restrita; relatando a importância de utilizar conceitos como o itinerário, a geração e a intelectualidade para desenhar mapas e trajetórias capazes de abranger uma visão ampla. Os intelectuais na procura por intervir na sociedade francesa buscariam fugir da suspensão e do ostracismo dentro da política e da biografia, definindo-se como grupo social vago e de limites imprecisos, entusiasmado pelas massas e divulgando os seus trabalhos em periódicos, buscando a assimilação de suas idéias pela população¹.

Helenice Rodrigues (2005) mostra como o caso Dreifus² consolida o surgimento de uma categoria social, a sua relação com a luta contra o poder e o direito à palavra pública na França no fim do século XIX e início do XX. Com o caso Dreifus, inauguram-se valores morais no campo político, reforçados após a Segunda Guerra Mundial, onde o intelectual reivindica moral e politicamente a sua opinião no espaço público, cultivando o uso da razão em defesa da verdade. A sua ação efetiva e concreta no espaço público consolida um engajamento político em defesa de princípios universais e de valores progressistas, reabilitando o homem em sua totalidade, com uma crítica social baseada em nome da moral e da liberdade.

A produção do saber e a enunciação da verdade são os elementos essenciais para o engajamento intelectual capacitado para representar a consciência universal pelos discursos. A verdade torna-se uma necessidade, um imperativo e um dever moral contra a guerra da Argélia³ e atribui aos intelectuais engajados a capacidade de esclarecer aos sujeitos oprimidos a sua tarefa de restituir um sentido às suas histórias⁴.

A intelectualidade brasileira procura exercer influência nas decisões do poder, com a defesa intransigente da política econômica voltada para o desenvolvimento e formulando respostas às necessidades da sociedade, em um Estado de compromisso característico do nacional-desenvolvimentismo⁵. Constituído pela perspectiva de reforma social, os projetos nacionalistas buscaram autonomia dos Estados Unidos da América e impulsionaram o desenvolvimento econômico pela política externa independente, conferindo sentido ao nacionalismo da época⁶.

No Brasil, o período entre 1945 e 1964 é caracterizado pela invenção, conquista e ampliação da democracia política no âmbito do conflito e da luta social, construindo assim uma sociedade em processo de organização e mobilização crescente e interessada em manter as regras democráticas, com o funcionamento de instituições e o reconhecimento dos projetos políticos⁷. A sociedade brasileira vivencia um aprendizado político único, com um rico e amplo debate político e ideológico, no período da vigência democrática, sendo esta praticada no cotidiano, verificado pela liberdade de imprensa, de organização e ainda com o arrefecimento dos projetos políticos inseridos no contexto mundial da Guerra Fria e a polarização do mundo entre comunistas e capitalistas.

³Com o início da guerra da Argélia, os intelectuais franceses divulgaram as suas idéias contrárias às atitudes do governo, em defesa do colonizado e contrários ao uso da violência. "A guerra da Argélia oferece a ocasião ideal para o engajamento efetivo dos intelectuais, a concretização da noção, até então abstrata, de engajamento se efetua através do discurso. O 'logos' torna-se 'práxis', ou seja, o ato do discurso transforma-se na própria ação de militância". (RODRIGUES, O intelectual no campo cultural francês, p. 411).

⁴Rodrigues mostra como os intelectuais relacionaram verdade e razão para o esclarecimento da realidade: "A necessidade de enunciar a verdade se impõe, então, aos intelectuais engajados como um dever moral, contra a mentira pública e o erro judiciário" (RODRIGUES, O intelectual no campo cultural francês, p. 398).

⁵ABREU, Alzira Alves. A ação política dos intelectuais do ISEB. pp. 97-117.

⁶"(...) a noção de nacionalismo desempenhou um papel fundamental como fator de mobilização e coesão política interna, necessária a estabilidade do projeto desenvolvimentista". VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. Do nacional-desenvolvimentismo à política externa independente (1945-1964). p. 215.

⁷O autor relata para as crises da República acontecidas nos anos de 1954, 1955 e 1961 que "foi a reação da sociedade pela manutenção dos preceitos constitucionais, incluindo o povo nas ruas, greves de trabalhadores organizados, protestos de capitalistas em suas associações de classe, estudantes e intelectuais mobilizados, entre outros grupos sociais defendem a democracia" (FERREIRA, Crises da República: 1954, 1955 e 1961, p. 338).

⁸Segundo Jaguaribe, os intelectuais estavam voltados "(...) para a sua aplicação de suas categorias a análise da realidade brasileira, como proposta ao desafio do nosso subdesenvolvimento" (JAGUARIBE, O ISEB e o desenvolvimento nacional, p. 32).

⁹JAGUARIBE, Hélio. O ISEB e o desenvolvimento nacional. pp. 31-42.

(...) que se processava em órgãos governamentais, partidos políticos, associações de classe, entidades culturais, revistas especializadas (ou não), jornais etc. Assim, nos anos 60, conservadores, liberais, nacionalistas, socialistas e comunistas formulavam publicamente suas propostas e se mobilizavam publicamente para defender seus projetos sociais e econômicos (NAVARRO DE TOLEDO, 2005, p. 69).

A proposta de debater publicamente, mediante espaços de sociabilidades voltados para a efervescência da circulação de idéias e projetos políticos, desencadeou a necessidade dos intelectuais vencerem um dilema entre o positivismo e o marxismo, compreendendo a correlação entre a cultura universal e a problemática brasileira⁸. O Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) foi um espaço de sociabilidade que se propôs a analisar a sociedade brasileira com a manifestação de um pensamento novo, com um nacionalismo aberto, racional e crítico.

Para Jaguaribe (2005), os isebianos pensaram como seria possível a superação do subdesenvolvimento e a viabilização de um esforço de desenvolvimento nacional, tendo como solução o projeto nacional-desenvolvimentista que atribuía à burguesia nacional, em articulação com a classe operária e a classe média moderna, um papel decisivo na mobilização de um esforço de desenvolvimento industrial e encaminhado para um projeto nacional⁹. Na década de 1950, o prenúncio do desenvolvimento econômico e social estava interligado com a independência de forças políticas e econômicas, em que o ISEB preocupava-se em construir instrumentos teóricos e metodológicos para interpretar o Brasil e nele atuar praticamente¹⁰.

Pécault (1990), analisando a sociedade, os intelectuais e os espaços de atuação dentro do campo político no Brasil no período pós-64, mostrou a relevância das Revistas *Civilização Brasileira*, *Paz e Terra* e *Política Exterior Independente*, revelando-as como fiéis ao campo nacionalista e com elementos que passam da teoria para a prática. A expansão dos espaços de sociabilidades demonstra a incipiência da discussão em torno de temáticas voltadas para a solução dos problemas sociais brasileiros, sendo as revistas um veículo de circulação e divulgação de idéias e propostas políticas¹¹.

A modernização, a urbanização, a explosão demográfica, as aspirações de participação na política e na literária são difundidas com o objetivo de explicitar para sociedade os projetos políticos e as expectativas para o futuro. Dentre os periódicos que circulavam no período entre a década de 1950 e 1960 está a *Revista Brasiliense*, objeto de nossa análise.

Revista Brasiliense: a busca pelo nacionalismo.

Em circulação entre os anos de 1955 e 1964, a *Revista Brasiliense* surgiu dentro da Editora Brasiliense localizada na rua: Barão de Itapetinga, 93, no 12º andar em São Paulo, tendo como diretor responsável Elias Chaves Neto e o conselho de redação constituído por Sérgio Milliet, Caio Prado Júnior, Edgard Cavalheiro, Sérgio Buarque de Holanda, João Cruz Costa, E. L. Berlinck, Álvaro de Faria, Nabor Caíres de Brito. Entre os fundadores estavam baianos, cariocas, cearenses, pernambucanos e, principalmente, paulistas. O periódico tinha como objetivo ser um espaço de sociabilidade capacitado para divulgar e difundir um projeto político para o país e, tendo na defesa dos interesses nacionais, o tema central das suas abordagens.

¹⁰ MIGLIOLI, Jorge. O ISEB e a encruzilhada Nacional. p. 66.

¹¹ “(...) em suma, uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão” (SIRINELLI, Os intelectuais, p. 249).

¹² Edital da Revista Brasiliense. 1, set-out, 1955, São Paulo. O itálico é do editor.

¹³ Além disso, “a revista tinha nitidamente uma orientação marxista e se propunha a divulgar estudos e análises sobre a sociedade brasileira da atualidade e contribuir, assim, para a formação e ampliação de uma corrente de pensamento marxista” (ABREU, A ação política dos intelectuais do ISEB, p. 112).

A EDITORA BRASILIENSE, fiel à tradição de cultura legada pelo seu fundador, Monteiro Lobato, resolveu tomar a iniciativa de uma revista, em torno da qual se congreguem escritores e estudiosos de assuntos brasileiros interessados em examinar e debater os nossos problemas econômicos, sociais e políticos.

Esses problemas que, como tantos outros, preocupa todos os brasileiros, é, porém, muito complexo e prende-se não somente à posição de nossa economia no quadro da economia mundial, mas às condições específicas da economia nacional que apresenta uma extrema variedade de níveis e aspectos, provenientes da diversidade dos quadros geográficos e sociais do país e do próprio curso de nossa formação histórica. Analisar em suas raízes e todas as luzes essas e outras questões e encará-las do ponto de vista dos interesses nacionais, da melhoria das condições de vida do povo e da renovação e dos progressos da cultura, como expressão autêntica da vida brasileira, é o objetivo que a Revista se propõe e não poupará esforços para alcançar¹².

Neste ponto, os paulistas colocaram-se como detentores do direito de dirigir o Estado, considerando como o único capacitado para formular projetos políticos para o futuro da nação¹³. Com uma publicação bimestral, a revista mostrou uma expansão de temas analisados pelos autores: independência econômica; realização pelo Estado dos serviços públicos fundamentais e criação de uma indústria de base; erradicação da miséria no campo; política internacional independente; processo cultural e técnico do nosso povo¹⁴; propagandas relacionadas a lançamentos de livros de Monteiro Lobato¹⁵; abrangendo a realidade brasileira, como os estados de São Paulo e do Rio Grande do Sul e, principalmente, da região nordeste. Abaixo estão delimitados os articuladores que mais escreveram para a revista entre os anos de 1955 e 1964.

Tabela 1

Números de Revistas	30
Números de Artigos	46

¹⁴Na contracapa da Revista Brasiliense, 51, jan-fev, 1964. O detalhe: o último número a ser publicado antes do golpe civil-militar em abril.

¹⁵Nota na contracapa da Revista Brasiliense em seu número 21, jan-fev, 1959: "Monteiro Lobato é o escritor que soube retratar os problemas do nosso povo e conquistar o coração das crianças".

Nome	Número de artigos publicados	Nome	Número de artigos publicados	Nome	Número de artigos publicados
Álvaro de Faria	33	Florestan Fernandes	12	Octavio Brandão	11
Caio Prado Júnior	33	Heitor Ferreira Lima	23	Paulo F. Alves Pinto	33
Catullo Branco	10	J. R. Vasconcelos	10	Paulo Dantas	45
Elias Chaves Neto	72	Lannoy Dorin	11	Paulo Motta Lima	33
Everardo Dias	24	Luís Israel Febrot	11	Samuel B. Pessoa	12
F. Pômpe do Amaral	15	Maurice Capovilla	10		

A análise dos dados apresentados mostrou a diversidade considerável de integrantes como membros do periódico e uma rotatividade entre os articuladores, pois dentre os 267 que escreveram na revista, apenas 17 publicaram acima de 10 artigos. O tema característico da revista que perpassa sua trajetória é a nação, o nacionalismo e o nacional. Abaixo é demonstrada a presença do tema no periódico.

Presença dos temas: nacional, nacionalismo e nação na Revista Brasiliense.

Tabela 2

NR*	NA*	NR	NA								
1	3	14	2	21	2	26	1	32	1	40	2
2	3	15	1	22	2	27	1	33	1	42	2
5	1	17	1	23	4	28	1	35	1	44	1
11	1	18	2	24	2	29	2	38	1	46	1
12	2	19	1	25	1	31	1	39	1	51	1

Tabela 3

* Número da revista.

** Número de artigos.

Beiguelman (1989) com a utilização de elementos factuais e analíticos, esquematiza dois tipos de política econômica brasileira, mostrando como a *Revista Brasiliense* acompanhou criticamente o processo econômico, identificando o nacionalismo pelo seu oposto constituído pelo imperialismo e pelo entreguismo, realizando o trabalho de diagnóstico e prognóstico e ainda relatando o movimento nacionalista¹⁶. Sem delimitar especificamente quais os números, quais os artigos e quais os autores, a autora relata:

¹⁶Para a autora, o movimento nacionalista era capacitado para "lutar firmemente em defesa do interesse da Nação e do povo brasileiro" (BEIGUELMAN, A Revista Brasiliense e a expressão teórica do nacionalismo econômico, p. 472).

¹⁷A escolha seria feita entre os quatro autores que tinham o maior número de artigos publicados, contudo a relevância do tema e o seu desenvolvimento feito por Fernando Henrique Cardoso em um artigo da Revista Brasiliense e por Nelson Werneck Sodré em um livro escrito a época me fez alterar os critérios para seleção dos articuladores.

¹⁸Chaves Neto relata a relevância da função dos comunistas "(...) o de levar as massas a apoiarem uma política que corresponde ao interesse nacional e na qual, como classe social, elas estão igualmente e diretamente interessados". CHAVES NETO, Política Nacionalista, p. 6.

¹⁹A proposta para o Brasil "(...) é a superação de seu estatuto de país periférico e complementar da economia internacional" (PRADO JÚNIOR, Nacionalismo e desenvolvimento, p. 12).

a Revista Brasiliense propunha que se desse ao capital nacional tratamento preferencial, além de excluir do campo de aplicação de capitais estrangeiros a mineração e a transformação primária de minerais, a metalurgia e ramos como eletricidade, transportes e química pesada (BEIGUELMAN, 1989, p. 474).

Pela temática nacional, nação e nacionalismo presentes do primeiro ao último número da Revista Brasiliense, analisaremos como quatro dos seus articuladores expõem suas idéias sobre o tema: Elias Chaves Neto, Caio Prado Júnior, Fernando Henrique Cardoso e Nelson Werneck Sodré¹⁷.

Debates, propostas e projetos: do nacional ao nacionalismo.

O artigo Política Nacionalista de Elias Chaves Neto relata que o empobrecimento da população com a concentração de capital nos trustes internacionais e a presença do capital estrangeiro em todas as atividades do Brasil fere a soberania política e a independência econômica. Para o autor, a política econômica nacionalista deve-se basear em “A América para os Americanos”, onde os movimentos nacionalistas erguem-se contra as forças dos Estados Unidos e com o apoio das massas populares¹⁸.

Uma política nacionalista visa impedir que o progresso material de nossa terra se processe em detrimento do nosso povo, mesmo daquela classe que pensa poder competir com o capital estrangeiro no desenvolvimento do nosso País e acredita se beneficiar com a prosperidade que a vinda em grande escala de capitais estrangeiros não deixaria de trazer de imediato (CHAVES NETO, 1957, p. 4).

Há uma confusão na opinião pública entre nacionalismo e desenvolvimento, sendo necessário esclarecer o assunto, que tem uma falsa noção de desenvolvimento centrado no progresso, na unilinearidade e na homogeneidade, considerando apenas o caráter quantitativo, onde os países subdesenvolvidos são subordinados e dependentes, sem estruturas e bases próprias e nacionais¹⁹. Prado Júnior (1959) relata a importância de estabelecer uma indústria integrada na economia nacional capacitada para suprir o sistema tradicional da economia brasileira com a exportação de produtos primários e a importação de manufaturas, colocar a política nacionalista voltada para o desenvolvimento econômico e capacita-la de elevar os padrões da vida brasileira.

O que se propõe na atual fase da evolução brasileira, é a transformação das próprias bases em que se assenta e sempre assentou a economia do país, a fim de que suas forças produtivas deixem de ser subsidiárias, como direta ou indiretamente tem sido até hoje, do comércio internacional e de mercado estranhos, para se orientarem precipuamente, no fundamental e essencial, para o atendimento das necessidades da massa da população brasileira (PRADO JÚNIOR, 1959, p. 15).

O papel desempenhado pelo nacionalismo nos países subdesenvolvidos tem sido incompreendido por grupos que o comparam ao chauvinismo burguês dos séculos passados, com a técnica de manipulação das massas que polariza os interesses do povo em torno de reivindicações nacionalistas e com uma contra-ideologia, uma concepção jacobina incompatível com certos ideais de integração internacional dos povos²⁰. O nacionalismo corresponde às necessidades de integração nacional dos países com uma ideologia tendente a acelerar o processo de desenvolvimento econômico. Os obstácu-

²⁰Para Fernando Henrique Cardoso, o nacionalismo “(...) é a forma através da qual, nos países subdesenvolvidos, as massas tomam consciência da sua situação sócio-econômica vista de uma perspectiva nacional e internacional” (CARDOSO, Desenvolvimento econômico e nacionalismo, p. 89).

²¹Relata Sodré, “O amadurecimento proporcionado pelo novo cenário em que vivemos, quando as classes definem precisamente os seus campos e mobilizam-se para a defesa dos seus interesses, intervindo na escolha eleitoral e na composição das forças e na constituição do poder, configura o espetáculo de tomada de consciência a que vamos assistindo” (SODRÉ, 1959, p. 34).

los da economia internacional e a pressão social de aceleração do processo são fatores delimitados para o surgimento de novos modelos econômicos, baseados no Estado como principal agente, articulador e empreendedor, levando em consideração à renda nacional equitativa a distribuição social. O nacionalismo aparece como ideologia econômica e política com a bandeira antiimperialista, o estatismo econômico e a participação política das massas populares.

O nacionalismo moderno surge exatamente como tipo de ideologia que permite atender às condições do desenvolvimento econômico rápido nos países onde a opinião pública (na qual as camadas intermediárias da sociedade, a intelectualidade, alguns setores do campesinato e o proletariado urbano constituem forças decisivas) começa a atuar, tendo possibilidades de imprimir ao processo de desenvolvimento econômico o rumo que deseja (CARDOSO, 1957, p. 97).

As forças econômicas externas são obstáculos ao desenvolvimento, apresentando o nacionalismo como uma libertação e a tomada de consciência, conjugando os interesses de classe para a defesa do nacional²¹. Para Sodré, o nacionalismo corresponde ao que impulsiona para frente, com a nova composição social, o povo; a indústria nacional e esquecendo o que prendia o país no velho quadro do campo, na política de socializar prejuízos, na orientação do Estado à inércia, no mercantilismo, na subordinação nas razões externas e no desenvolvimento do Brasil, relacionado aos capitais estrangeiros.

Nesse cenário, o Nacionalismo representa o ideal democrático, só esposado pelas classes em ascensão, que necessitam da liberdade como organismo humano de oxigênio, que vivem do esclarecimento da opinião, que precisam discutir e colocar de público (SODRÉ, 1959, pp. 35-36).

Últimas palavras: a defesa do nacionalismo.

As interpretações dos autores mostram que o nacionalismo está diretamente relacionado ao desenvolvimento econômico e, para conseguir sua predominância hegemônica como projeto político, efetivar a sua implantação no país pela tomada de consciência, proposta por Sodré; pelo novo modelo econômico baseado no Estado, análise de Cardoso; pela superação da economia tradicional com a indústria integrada nacionalmente, conclusão de Prado Júnior, ou pelo apoio das massas para a manutenção da soberania política e independência econômica, concepção de Chaves Neto.

A análise da *Revista Brasiliense*, o seu impacto, os seus projetos e suas propostas políticas para o país mostram as possibilidades de a intelectualidade atuar no cenário político entre os anos de 1950 e 1960 como condutores do futuro da nação, implantando um desenvolvimento econômico capaz de suprir as necessidades do país e sob a ideologia política e econômica do nacionalismo.

Referências e Fontes

ABREU, Alzira Alves. A ação política dos intelectuais do ISEB. NAVARRO DE TOLEDO, Caio (Org.). *Intelectuais e política no Brasil: A experiência do ISEB*. Rio de Janeiro: Revan, 2005. pp. 97-117.

BEIGUELMAN, Paula. A *Revista Brasiliense* e a expressão teórica do nacionalismo econômico. In: D'Incaro, Maria Ângela (org.). *História e Ideal: ensaios sobre Caio Prado Jr.*

CARDOSO, Fernando Henrique. Desenvolvimento Econômico e Nacionalismo. *Revista Brasiliense*, 12, jul-ago, São Paulo, 1957, pp. 87-97.

CHAVES NETO, Elias. Política Nacionalista. *Revista Brasiliense*, 13, set-out, São Paulo, 1957, pp. 1-8.